

JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE SETEMBRO
DOSSIÊ TEMÁTICO: "SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:
ABORDAGENS CRÍTICAS, INTERCULTURAIS E DECOLONIAIS"
Ed. 77. Vol. 1 - Págs. 113-121
DOI: 10.5281/zenodo.22282420



QUALIS
A2



UMA ANÁLISE DE ASPECTOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA NA OBRA ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO¹

AN ANALYSIS OF SOCIOLINGUISTIC ASPECTS IN THE WORK BLINDNESS BY JOSÉ SARAMAGO

Gilson Felipe Teixeira CAMPOS²
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: gilsonfelipe.89@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2147-7871>

Francisco Edviges ALBUQUERQUE³
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
E-mail: fedviges@uol.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

113

RESUMO

Este artigo realiza uma análise sociolinguística da narrativa *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. A partir de uma pesquisa bibliográfica, teóricos como Bortoni-Ricardo (2014), Coelho (2015), John Gumperz (2006), e considerações sobre Literatura foram imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho. Apesar de tratar-se de uma ficção, é válido ressaltar que como afirma Preti (2004) as obras literárias possuem suas relevâncias também por buscarem representar uma aproximação equivalente entre as situações reais de fala por meio da escrita. Logo, caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa, visto que as citações destacadas da narrativa sugerem o que é afirmado nas análises aqui realizadas. A relação entre língua e sociedade, o modo como as escolhas linguísticas feitas pelo renomado escritor português foram feitas no decorrer da obra e os discursos das personagens são analisados nesta pesquisa. Os

¹ COMO CITAR: (ABNT): CAMPOS, G. F. T.; ALBUQUERQUE, F. E. Uma Análise de Aspectos da Sociolinguística na Obra Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Setembro de 2026 - Ed. 77. VOL. 01. Págs. 113-121. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins – PPGLIT. Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Especialista em Tradução do Inglês, em Docência do Ensino Superior e Metodologia da Língua Inglesa e Espanhola (UniBF e Descomplica Faculdade Digital). Licenciado em Letras-Inglês pela UEMASUL.

³ Universidade Federal do Norte Tocantins UFNT. Possui mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999) e doutorado em Letras Universidade Federal Fluminense pela Universidade Federal Fluminense (2007). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação escolar indígena, língua Apinayé, interculturalidade e educação indígena. Professor de Curso de Educação continuada para os Professores indígenas e não indígenas da Educação Básica do estado do Tocantins, no período de 2002 a 2010. E-mail: fedviges@uol.com.br

resultados sugerem uma relação intrínseca entre língua e o contexto em que as personagens estão inseridas, estabelecendo um vínculo entre Literatura e Sociolinguística.

Palavras-chave: Sociolinguística. Literatura. Análise.

ABSTRACT

This article performs a sociolinguistic analysis of the narrative *Ensaio sobre a cegueira*, by José Saramago. Based on a bibliographical research, theorists such as Bortoni-Ricardo (2014), Coelho (2015), John Gumperz (2006), and considerations on Literature were essential for the development of this work. Despite being a fiction, it is worth mentioning that, as Preti (2004) states, literary works are also relevant because they seek to represent an equivalent approximation between real speech situations through writing. Therefore, it is characterized as an investigation with a qualitative, exploratory and interpretative approach, since the quotes highlighted in the narrative suggest what is stated in the analyzes carried out here. The relationship between language and society, the way in which the linguistic choices made by the renowned Portuguese writer were made throughout the work and the speeches of the characters are analyzed in this research. The results suggest an intrinsic relationship between language and the context in which the characters are inserted, establishing a link between Literature and Sociolinguistics.

Keywords: Sociolinguistics. Literature. Analysis.

INTRODUÇÃO

As teorias sociolinguísticas visam a evidenciar a relação entre língua, sujeito e sociedade. Logo, é impossível não estabelecer uma relação entre a área mencionada e a Literatura, visto que os estudos literários também exercem esse papel de descrever o modo como uma sociedade é, a maneira como os indivíduos inseridos na mesma fazem uso da língua e suas respectivas variações.

Segundo Preti (2004), embora não possamos considerar os discursos de obras literárias como situações reais de fala, as diegeses apresentam comunicações equivalentes. Portanto, por meio da grafia e de análises, os traços de como a linguagem é utilizada é possível ser realizado, assim se estabelece uma relação entre a Sociolinguística e Literatura.

A partir disso, esse artigo apresenta alguns aspectos sociolinguísticos vinculados à obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995). Essa investigação

expõe o modo como as falas das personagens sugerem que as mesmas estão inseridas em um contexto de privilégio, em um ambiente urbano e sem identificação. A narrativa de Saramago baseia-se na história da epidemia de uma cegueira branca que se espalha por uma cidade ocasionando um grande colapso na vida das pessoas e abalando as estruturas sociais. Em sua maioria os seres da diegese, que também não possuem nomes, fazem uso predominante da norma culta da língua portuguesa. Consoante ao mencionado anteriormente, Coelho denota que:

As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pista a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (Coelho, 2015, p. 16).

Embora trate-se de uma narrativa que não tenha um ambiente identificado, as escolhas do autor sugerem as afirmações abordadas neste trabalho. Ademais, os discursos das personagens também influenciam significativamente ao percurso das análises realizadas.

Este artigo focaliza em estabelecer uma relação entre a linguagem usada pelas personagens e o contexto em que estão inseridas na escrita de José Saramago.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa possui caráter qualitativo e interpretativo, fundamenta-se em levantamento bibliográfico de teóricos como Coelho (2015), Bortoni-Ricardo (2014), Preti (2004), que contribuem sobre aspectos relacionados à Sociolinguística.

Foi necessário a leitura e fichamento de artigos científicos e livros do âmbito já mencionado para a produção deste trabalho. Dessa forma: “a coleta de dados compreende o conjunto de operações por meio das quais o modelo de análise é confrontado aos dados coletados” (Gil, 2010, p. 56).

Após tecer comentários sobre língua, sujeito e sociedade e estabelecer uma relação entre os mesmos, esse artigo expõe algumas análises de citações da obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago evidenciando as escolhas linguísticas feitas pelo renomado escritor português e suas respectivas relações com uma análise sociolinguística.

SOCIOLINGUÍSTICA E LITERATURA

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística como uma ciência autônoma e interdisciplinar teve seu advento em meados do século XX, embora haja

diversos linguistas que já pesquisavam sobre a relação entre língua e sociedade, como é o caso do filósofo russo Bahktin [1895-1975].

Vale ressaltar a relevância da área já mencionada e suas contribuições para o tecido social, visto que a mesma aborda sobre reconhecimento das variações como parte da identidade dos indivíduos, e colabora também para o ensino e aprendizagem da língua, visando excluir preconceitos linguísticos.

Segundo John Gumperz (2006), desde meados de 1960, o termo Sociolinguística iniciava a ganhar destaque e o termo começava a ser aceito ao ponto de atualmente ser uma única disciplina e preocupar-se sobre as maneiras como a comunicação influi e, conseqüentemente, ocasiona impactos nas relações de poder.

Ademais, a língua sofre alterações por seus falantes e isso está relacionado a diferentes fatores: social, econômico, e também referente ao nível de escolaridade e acesso a oportunidades. Sobre três tipos de variantes, os autores apresentam que: “sociolinguisticamente, uma língua se realiza segundo três variantes diferentes: geográfica, em que as variações se dão em nível regional; expressiva, em nível individual; e social, em nível grupal (Cunha & Cintra, 1985; Couthard, 1991; Preti, 1987).

Para Coelho (2015) a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes. Dessa forma, o autor afirma que a existência das diversas variações não implica negativamente no processo de comunicação entre os indivíduos.

Durante o processo de leitura, ocorre uma interação entre autor, texto e leitor, e é através disso que é possível realizar uma análise referente às escolhas feitas pelo autor, além de explorar as decisões linguísticas do mesmo. Segundo Preti:

Sendo uma manifestação escrita, o texto literário pressupõe um processo de elaboração, de reflexão, de planejamento, que se afastaria, em tese, da dinâmica da língua oral espontânea, que se desenvolve, não raro, de forma imprevista, em face da situação interacional. Mas, por outro lado, os objetivos do escritor são de natureza estética e não há limites na escolha das variantes linguísticas para atingi-los. Por isso, o emprego de recursos da oralidade pode ser uma estratégia intencional para dar a seu diálogo de ficção uma proximidade maior com a realidade (Preti, 2004, p. 120).

Por meio da escrita literária e das escolhas linguísticas realizadas pelo autor, o mesmo consegue aproximar o texto ficcional à realidade, e, conseqüentemente, isso também se dá na representação dos discursos das personagens. Logo, é função do pesquisador identificar, descrever e analisar como essa relação é concretizada. Segundo Antônio Candido: “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor

não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador” (Cândido, 2006, p. 42).

Ainda sobre a modalidade escrita da língua, para Preti:

Não temos mais o ouvinte à nossa frente, face a face, com o qual interagimos. Não contamos mais com os recursos entonacionais. Na língua escrita, poderemos até mesmo não saber quem lerá nosso texto e, portanto, só poderemos pressupor suas reações às nossas ideias. Além disso, pensamos para escrever, temos oportunidade de refazer nosso texto, corrigi-lo, reelaborá-lo, o que não ocorre com a fala. Sobre a produção de nossos textos pesa intensamente nossa cultura linguística, nosso nível de escolaridade, nossas leituras, nossos conhecimentos gramaticais, nossa possibilidade de consultar um dicionário (Preti, 2004, p. 5).

Assim, o autor deixa claro que a escrita literária abrange um texto planejado, reescrito e revisado, diferentemente da fala que segundo o mesmo teórico: “o ato de conversação implica uma naturalidade” (Preti, 2004, p.3). O trabalho do pesquisador em analisar a escrita é algo complexo. Tudo isso mencionado pelo autor denota que por se tratar de texto literário e também da modalidade escrita da língua na função de ser equivalente à fala, é possível realizar as interpretações. Nos tópicos seguintes são apresentadas as análises sociolinguísticas do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago.

ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA LINGUAGEM NA OBRA

Escolhas Linguísticas de José Saramago e Variedade de Prestígio na Narrativa

A grafia na narrativa de José Saramago é descrita de forma densa, os parágrafos são muito mais longos comparados ao de diegeses de outros autores. Uma possibilidade do uso das falas dessa forma seria para evidenciar a confusão em que os indivíduos estão inseridos e a luta pela sobrevivência. Os discursos das personagens são destacados por meio do uso de letras maiúsculas logo no início dos mesmos, como no exemplo a seguir:

[...] como se ele ainda quisesse reter no interior do cérebro a última imagem recolhida, uma luz vermelha, redonda, num semáforo. Estou cego, estou cego, repetia com desespero enquanto o ajudavam a sair do carro, e as lágrimas, rompendo, tornaram mais brilhantes os olhos que ele dizia estarem mortos. Isso passa, vai ver que isso passa, às vezes são nervos, disse uma mulher (Saramago, 1995, p. 12).

Após o primeiro cego ter sido levado até sua casa por um homem, ele espera a chegada de sua mulher. Observe o discurso do ser feminino ao dialogar com a vítima da denominada “cegueira branca”, sem marcas de informalidade, mesmo que as duas personagens possuam intimidade e por estarem em casa:

[...] o carro ficou aí na rua ao lado, Bom, então descemos, esperas à porta que eu o vou buscar, onde foi que puseste as chaves, Não sei, ele não mas delvoueu, Ele, quem, O homem que me trouxe a casa, foi um homem, Tê-las-á largado por aí, vou ver, Não vale a pena procurares, ele não entrou, Mas as chaves têm de estar em algum sítio, O mais certo foi ter-se ele esquecido, levou-as sem se dar conta, Era mesmo isto o que nos faltava [...] (Saramago, 1995, p. 19).

Vale ressaltar que, por ocorrer em um ambiente urbano, embora o espaço não seja identificado por nome, a linguagem usada na narrativa por alguns personagens, como por exemplo, do oftalmologista, faz uso da variedade culta da língua portuguesa. Observe esse trecho em que há um diálogo entre o médico e o primeiro cego:

O médico perguntou-lhe, Nunca lhe tinha acontecido antes, quero dizer, o mesmo de agora, ou parecido, Nunca, senhor doutor, eu nem sequer uso óculos, E diz-me que foi de repente, Sim, senhor doutor, Como uma luz que se apaga, Mais como uma luz que se acende, Nestes últimos dias tinha sentido alguma diferença na vista, Não, senhor doutor, Há, ou houve, algum caso de cegueira na sua família, Nos parentes que conheci ou de quem ouvi falar, nenhum, Sofre de diabetes, Não, senhor doutor (Saramago, 1995, p. 22).

Por meio dessa citação fica evidente que o oftalmologista está inserido em uma parte privilegiada, e que faz uso da variedade culta, tanto por suas experiências anteriores como estudante em nível superior quanto por estar em seu ambiente de trabalho. Como menciona Coelho:

A variedade culta é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu *status*, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para sua fala (Coelho, 2015, p.15).

Consoante a nível socioeconômico, Coelho (2015) denota que um grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão. Na diegese de Saramago, logo nos primeiros capítulos não foram identificados discursos das personagens que pertencessem ao uso não padrão da língua.

Essa escolha linguística feita pelo autor sugere uma crítica social referente às pessoas inseridas em partes privilegiadas, e a cegueira branca é usada como temática para ironizar a ausência do olhar e ajudar os seres em vulnerabilidade. Nas palavras de Coelho:

Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “nós vai” ou “a gente vamos”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai” (Coelho, 2015, p 41).

Ainda sobre o tema de prestígio social Preti (2004) concorda com o mencionado por Coelho quando afirma que a língua funciona em uma sociedade como uma marca social de um grupo, como um elemento identificador. Para estabelecer essa comparação o autor faz uma analogia à vestuários, ele denota que há roupas que são consideradas “superiores” e tratadas com maior prestígio, por diferentes motivos, e o mesmo ocorre com a língua.

Aspectos da Linguagem Informal e do Português de Portugal

Em outra parte da obra é possível perceber um dos poucos aspectos linguísticos identificados na narrativa que fazem referência à linguagem comumente usada na fala do cotidiano:

Os pobres queridos cegavam imediatamente, mas ao menos ficava para a história a beleza do gesto. Algum desses veio para aqui, perguntou o velho da venda preta, Não, respondeu a mulher do médico, não veio ninguém, Se calhar foi boato, E a cidade, e os transportes, perguntou o primeiro cego, lembrando-se do seu próprio carro e do motorista de táxi que o tinha levado ao consultório e que ajudara a enterrar, Os transportes estão num caos, respondeu o velho da venda preta, e passou aos pormenores, aos casos e aos acidentes (Saramago, 1995, p. 126).

Um dos poucos aspectos linguísticos identificados na narrativa que fazem referência à linguagem comumente usada na fala do cotidiano, o uso do vocábulo “num” é traço da linguagem informal, feita pela junção da preposição “em” com o artigo indefinido “um”. Há ainda o uso da expressão portuguesa “se calhar”, que é equivalente ao “se bobear”, “talvez”, a mesma expressa incerteza.

Por se tratar de uma obra de um escritor português, há o uso de algumas palavras com a consoante “c” no meio das mesmas, diferentemente do português do Brasil, isso é evidente na citação a seguir e ocorre com as palavras “caráter” e “exatamente”:

Não se podia afirmar, se justamente olhos faltavam, que a repartição fosse feita a olho, embalagem mais, embalagem menos, pelo contrário, dava pena ver como se enganavam ao contar e voltavam ao princípio, algum de carácter mais desconfiado queria saber exatamente que levavam os outros, acabava sempre por haver discussões, um que outro empurrão, um sopapo às cegas, como tinha de ser. (Saramago, 1995, p. 137).

Em outra passagem da narrativa, pode-se notar também, no discurso da personagem denominada “rapariga dos óculos escuros”, um aspecto da linguagem considerada informal. A personagem usa o termo “um bocadinho”, para estabelecer uma referência ao que seria “um pouco de música”, na norma padrão:

Tenho um rádio, Um rádio, exclamou a rapariga dos óculos escuros batendo palmas, música, que bom, Sim, mas é um rádio pequeno, de pilhas, e as

pilhas não duram para sempre, não, para sempre é sempre demasiado tempo, Dará para ouvir as notícias, observou o médico, E um bocadinho de música, insistiu a rapariga dos óculos escuros (Saramago, 1995, p. 121).

Já no discurso do médico, percebe-se o uso da variação considerada norma culta, ele faz a conjugação do verbo “dar” como “dará”, na linguagem informal seria falada como “vai dar pra ouvir as notícias”. Nas palavras de Preti: “são os falantes cultos, por certo, os que possuem maior consciência da necessidade de variarem a sua linguagem, em função das situações de interação diversas (Preti, 2004, p. 3).

O médico é uma das personagens que têm o conhecimento da necessidade de variarem a sua linguagem, porém, é perceptível que optou por fazer o uso da variedade de prestígio mesmo em interação com os outros cegos no trecho apresentado acima.

120

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este artigo foi possível estabelecer e perceber uma relação intrínseca entre a Sociolinguística e a Literatura. Por meio das análises realizadas ficou evidente os traços da linguagem formal e traços da linguagem informal, além de alguns aspectos do português de Portugal.

De acordo com Preti (2004), os estudos da língua falada estão transformando as perspectivas da análise linguística mundialmente. Estuda-se como as pessoas interagem na conversação, como lutam pela posse da palavra e como constroem os tópicos discursivos, e como já foi e reiterado do discurso do mesmo teórico: o texto literário também deve ser analisado em uma abordagem Sociolinguística por apresentar uma aproximação às situações reais de fala.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, exploratória e interpretativa, as afirmações estabelecidas neste artigo não são detentoras absolutas da verdade, pelo contrário, espera-se contribuir ao âmbito acadêmico e inspirar novas produções que possam vincular a pesquisa entre as duas áreas já mencionadas.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CBN. **Em Portugal, “se calhar” expressa incerteza**. 2017. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/102509/em-portugal-calhar-expressa-incerteza.htm>. Acesso em: 20 jun. 2026.

COOK-GUMPERZ, J. **The social construction of literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

COELHO, I. L., GÖRSKI, E. M., SOUZA, C. M. N. e MAY, G. E. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 1987.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**: romance / José Saramago. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.